

Teoria Crítica e Estudos em Comunicação: Atualidade do Pensamento Frankfurtiano¹

Prof. Dr. Belarmino Cesar Guimarães da Costa²
UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba

Resumo: Após indicar e questionar as críticas recorrentes aos teóricos frankfurtianos, dentre elas, a de que não consideram o processo de recepção comunicativa, que se centram num pensamento pessimista e permeado de impossibilidades práticas, além de estar superado historicamente e que não leva em consideração as mudanças das estruturas de comunicação, o trabalho empreende um movimento para potencializar o pensamento frankfurtiano, em pelo menos duas perspectivas: na de estabelecer a relação entre tecnologia e necessidades humanas; e na de abordar o caráter sistemático e estrutural dos processos de comunicação, tendo como eixo o surgimento de novos suportes de mediação tecnológica.

Palavras-chave: Teoria Crítica, Comunicação, Tecnologia, Educação, Estudos em Comunicação.

1. Críticas Recorrentes à Teoria Crítica

Desde a publicação de *Apocalípticos e Integrados*, de Umberto Eco (1970), a Teoria Crítica encontra-se refém do estigma de ser um campo epistêmico que aborda os fenômenos da comunicação de massa na perspectiva de que os instrumentos tecnológicos são meios de manipulação e de reificação das consciências. Invariavelmente, Theodor Adorno e Max Horkheimer e, em menor intensidade, Hebert Marcuse e, dificilmente, Walter Benjamin, são considerados autores de época, deslocados das questões contemporâneas que se deparam com problemas emergentes da realidade virtual e da cibercultura.

¹ Trabalho apresentado ao NP11 – Comunicação Educativa, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Diretor da Faculdade de Comunicação da UNIMEP, doutor em Educação pela UNICAMP e membro do GEP Teoria Crítica e Educação, coordenado pelo Prof. Dr. Bruno Pucci, e com sedes na UFSCar, UNESP/Araraquara e UNIMEP. E-mail para contato: bcgcosta@unimep.br.

1.1. Imobilidade Prática e Pessimismo

Tornou-se comum associar Teoria Crítica à imobilidade prática e ao pessimismo teórico, além de concebê-la como pensamento apartado da realidade dos países fora do eixo industrial, o que a tem identificado com o pensamento eurocêntrico, sendo assim desprezível para compreender as realidades latinoamericanas e regionais.³ Em complemento, é interpretada como elitista e com uma concepção que não reconhece as possibilidades estéticas dos *mass media* e sua alternativa para a cooptação política e cultural.

Eis uma passagem de Cardoso (1999, p. 569) que explicita a crítica à Escola de Frankfurt:

A grande vulnerabilidade teórica da escola é, sem dúvida, seu extremo pessimismo em relação à sociedade tecnológica. No universo da comunicação de massa nada se salva. O cinema, a dimensão do “prazer artístico”, o humor e a televisão pertencem a uma esfera de homens triviais, que se perdem na busca e aceitação de uma “arte inferior”. Há portanto, no pensamento dos frankfurtianos, com exceção de Benjamin, uma visão aristocrática da cultura, que se nega a aceitar a existência de uma pluralidade de experiências estéticas e de maneiras distintas de se fazer arte e de usá-la socialmente.

Na seqüência, Cardoso (1999, pp 568-569) critica o elitismo literário de Adorno que *em prejuízo à clareza, desenvolvia nos seus textos uma linguagem altissonante, num alemão tão adorniano, que alguns editores recusavam a traduzir seus textos por considerá-los não inteligíveis*. Dá exemplos de passagens da *Dialética do Esclarecimento* para

³ LOPES (1994, p. 39) observa que a importação de idéias estrangeiras tem sido um problema recorrente na história da cultura brasileira. Sem mencionar diretamente a Escola de Frankfurt, destaca a *não-contemporaneidade entre o movimento de produção da teoria nos países centrais e o momento de consumo pelos intelectuais brasileiros*. O propósito é fazer uma crítica ao que denomina “refuncionalização das teorias importadas”, tendo subjacente o mote de inventariar a formação do discurso científico na América Latina e no Brasil.

demonstrar o anacronismo da Escola de Frankfurt e seus limites teóricos *para responder questões cruciais do homem na sociedade moderna*.

Numa perspectiva de evidenciar o fato de que é possível resistir aos apelos sedutores da indústria cultural, acrescenta:

O pessimismo e a postura mecanicista dos teóricos críticos deixaram num beco sem saída a questão da cultura na sua dimensão plural, do sujeito que se deixa seduzir em busca da felicidade e da resistência de que todo o homem é capaz, mesmo numa situação de opressão – (Cardoso, 1999, p. 569).

Sem que se estabeleça uma sentença de culpabilidade exclusiva de Eco em provocar preconceituosas concepções que permeiam boa parte da pesquisa em comunicação no Brasil, é sensato considerar que a forma como subdivide os campos teóricos de comunicação (supondo, de um lado, autores que se valem da análise do conteúdo das mensagens; de outro, de uma abordagem estrutural) deu suporte para reducionismos e minimização do potencial da Teoria Crítica.

1.2. Passividade no Processo de Recepção

As interpretações que se derivam da hipótese de que Frankfurt desconsidera o conteúdo das mensagens, na análise referente ao funcionamento dos veículos de comunicação, ampliaram-se para argumentos que tomam este referencial teórico como incapaz para perceber as contradições entre mensagem produzida e processo de recepção, ainda mais no Brasil ante as condições de universalização do ensino e de desigualdade ao acesso de bens culturais.⁴

⁴ LOPES (1994, p. 51), sem que se refira diretamente às costumeiras críticas de que ocorre passividade da audiência no processo de recepção, caracteriza *a concepção elitista de cultura dos frankfurtianos* com a idéia de que, para estes, fora da esfera erudita, não seria possível a transformação da sociedade por outros meios. Acrescenta que, com isso, os frankfurtianos *fazem a rejeição pessimista do proletariado, visto como uma vítima extremamente subserviente da cultura reificada, sem qualquer condição de resistência senão a de integrar o público consumidor de ideologias*. Em seguida, Lopes identifica a dificuldade da Escola de Frankfurt *em pensar a cultura de massa em sua interpenetração com a cultura popular*.

Em outras palavras, o pensamento gerado a partir da matriz adorniana, em particular, não seria suficientemente dialético para identificar a complexidade do processo de produção dos bens simbólicos que, mesmo submetidos a uma lógica de controle social dos meios de comunicação, não se tornariam obstáculos absolutos para impedir, no processo de apropriação da mensagem, uma acuidade crítica pela audiência. A particularidade de cada um, na condição de receptor diferenciado em termos de experiência, conhecimento do funcionamento dos meios de comunicação, e pelo fato de obter informações com o uso de outras fontes, dentre outros fatores, asseguraria a condição de que não é possível uma dominação plena.⁵

1.3. Novos Suportes Técnicos

Tem sido recorrente esta crítica de que a Escola de Frankfurt, além de supor passividade no processo de recepção de mensagens, também não permite identificar nos progressos técnicos que tornaram possível ao usuário dos novos suportes atitudes mais propositivas e autônomas frente às estruturas concêntricas da mídia tradicional. Em especial a primeira geração de Frankfurt, por ainda estar afeta ao momento histórico do nazifacismo e de um ambiente refratário ao uso emancipatório dos meios de comunicação, reduzidos à condição de propaganda política, não teria atualidade para diagnosticar na realidade contemporânea as mudanças estruturais dos meios eletrônicos e digitais. Por assim dizer, haveria uma dificuldade para compreender as adaptações de linguagem e de conformação da mensagem aos novos suportes tecnológicos que privilegiam o uso da imagem, da interação dinâmica entre os agentes comunicantes e a leveza da forma em detrimento do conteúdo.

Em síntese, o deslocamento que a Internet provoca suportaria o argumento de que houve uma passagem de meios concêntricos para ambientes midiáticos em que a interação,

⁵ Em *Muito Além do Jardim Botânico – Um Estudo da Audiência do Jornal Nacional da Globo entre Trabalhadores*, LINS DA SILVA (1985, p. 19-21) indica alguns “erros de interpretação” presentes no conceito de indústria cultural, que supõe *uma visão monolítica do mundo* e não deixa depreender que *no seu interior há a presença permanente de contradições*. Acrescenta que, tanto no processo de produção de um

mobilidade e deslocamento do usuário tornaria possível romper a tradicional condição de mero receptor. Lévy (1994) chega a intuir a emergência de uma sociedade em que as novas tecnologias, ditas de inteligência e que substituem o trabalho intelectual humano, seriam responsáveis pelo cumprimento dos ideários Iluministas do século XVIII.

2. A Atualidade da Teoria Crítica

Antes propriamente de retomar as críticas e problematizá-las numa perspectiva de conferir atualidade ao pensamento frankfurtiano, seria estratégico num movimento contrário indicar, *a priori*, as contribuições para os estudos de comunicação social, que podem ser rapidamente expostas como se segue:

Ao cunhar o conceito de indústria cultural, que surge em “Dialética do Esclarecimento”, Adorno & Horkheimer (1985) supõem que há uma contradição interna entre o significado de cultura e indústria, esta motivada em submeter a cultura erudita e a cultura popular à lógica da circulação da mercadoria, a partir de processos de ressignificação e modificação estética em conformidade com apelos que movem a sensação, o prazer e, invariavelmente, a dimensão do grotesco.

Cabe, neste momento, identificar a fragilidade que, no ambiente dos suportes midiáticos, transformou o sentido de cultura a uma variante dos esquemas publicitários das corporações e das agendas dos jornais. Cultura passou a ser confundida com a quantificação de público e a produção de mercadorias enredadas pelos diferentes nichos da indústria cultural.⁶ Sua validade encontra medida no fato de estar exposta e pelos efeitos imediatos que provoca, sem que, necessariamente, vincule-se a uma experiência autêntica, desinteressada em relação aos esquematismos da produção industrial.

2.1. Análise de Estrutura

telejornal, por exemplo, quanto no momento de sua recepção, existem processos subjetivos que tornam reduzidas as possibilidades de plena manipulação ideológica.

⁶ Nas palavras de Adorno & Horkheimer (1985, p. 123): *O denominador comum ‘cultura’ já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração.*

O argumento passa pela constatação de que as críticas dos teóricos de comunicação em relação à Escola de Frankfurt deixam de considerar a macroestrutura em que os processos de produção simbólica e de sua veiculação ocorrem, sendo que a particularidade do fenômeno da informação se torna, tal como na busca de espetacularidade da notícia, uma busca do imediato.⁷ Assim se procede com as pesquisas que almejam identificar as reações no processo de recepção, muitas vezes imediatas e isoladas, sem que se consiga relevar o caráter mimético subjacente à cultura de massa que, invariavelmente, modula a sensibilidade e os padrões culturais de gosto, desejo, vontade.

Isto significa dizer que a tendência das teorias, sobretudo aquelas de origem funcionalista e que fracionam os momentos de produção, de difusão e de recepção de mensagens, deixam de considerar aspectos que transcendem a manifestação direta do enunciado. Assim, pouco apreendem de sua relação com mediações estruturais, tais como:

- I - A questão da necessidade informacional e a tensão em relação aos interesses dos grupos societários, tendo como eixo a monopolização dos meios técnicos em escala transnacional e regional;
- II - A sua qualidade e, quase sempre, pauperização estética em conformidade com os parâmetros medianos de cultura;
- III - A condição do enunciado ser uma produção conformada às normas de racionalização próprias dos sistemas de produção industrial que, em relação à cultura de massa, significa utilizar apelos sensoriais, emocionais para despertar na audiência desejo pelo valor de troca da mercadoria simbólica;
- IV - O caráter de transnacionalização do estilo da mensagem publicitária e das logomarcas, bem como dos parâmetros para a construção da informação jornalística, suas fontes e hierarquização das notícias que, invariavelmente, seguem modelos esquemáticos e adequados à lógica sistêmica do mercado.

⁷ É muito curioso que, neste momento de esgotamento dos discursos sobre a pós-modernidade, não apenas as mercadorias são transitórias e fungíveis, como também se supõem que a roldana do movimento industrial também age no esgotamento dos fundamentos das teorias, e tudo tem que se mostrar sob os ditames da novidade, da passagem.

Uma questão que remonta aos escritos de Horkheimer (1976), em especial, *A Eclipse da Razão*, e de Marcuse (1967), *Ideologia da Sociedade Industrial*, diz respeito ao significado do progresso técnico, e internamente da produção de bens simbólicos via indústria cultural, e se este produz necessariamente emancipação humana.

Nas teorias de comunicação que tendem a positivar os recursos técnicos em sua funcionalidade e que buscam identificar na agilidade informacional a valoração de sua necessidade, esta questão sobre a tensão entre tecnologia e regressão humana sequer é especulada. Há uma redução na abordagem sobre o caráter ontológico da comunicação, já que se expõe a perspectiva das temáticas imediatas e os efeitos que determinado suporte pode acarretar. Pouco se reporta à relação entre meios e necessidade, tecnologia e experiência.

Daí ser tópica toda abordagem que considere aspectos isolados de recepção, como se bastasse apenas identificar que cada um pode subjetivamente apreender diferentemente uma mesma mensagem que é produzida a todos e a ninguém ao mesmo tempo. Não se questiona o fato de que a experiência de cada receptor se reporta a processos distintos de memória e de intervenção sobre a realidade que se tem conhecimento pelos “mass media”. O reducionismo do argumento que se centra na hipótese de que a Teoria Crítica interpreta como passiva a audiência se defronta com o mimetismo da programação, diante da qual não há alternativa a não ser acreditar nos efeitos publicitários da novidade.

2.2. Técnica e Sistema

A veleidade de circunstanciar o pensamento adorniano, em particular, ao pessimismo do período em que a tecnologia foi eficientemente capaz de conduzir a humanidade aos guetos da minoridade⁸, cuja expressão pulsa a memória da tragédia em *Auschwitz*, tem uma contrapartida: a de que cabe problematizar os fenômenos da

⁸ Alusão a Kant que, no ensaio *Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento?*, destaca que o estágio de minoridade está associado à incapacidade de o homem fazer uso público da razão, ou seja, interditado pela tutela de outro, sem que seja capaz de agir e pensar com autonomia.

comunicação e mediação tecnológica a partir da constatação de que os suportes mediáticos carregam consigo as marcas do sistema de produção.

Com este propósito, cabe a seguinte reflexão de Marcuse (1967, p. 19):

Em face das particularidades totalitárias dessa sociedade, a noção tradicional de ‘neutralidade’ da tecnologia não pode ser sustentada. A tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas.

Marcuse (1967, p. 18) relaciona esta não-neutralidade da tecnologia com o fato de que ela *institui formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social*. Para em seguida, inserir o progresso técnico dentro da estrutura de dominação destacando o fato de que a “racionalidade tecnológica” tornou-se “racionalidade política”.

O mote de que a Teoria Crítica, que tende a uma análise sistêmica e estrutural dos meios de comunicação na sociedade industrial, constitui um foco de abordagem que não considera as especificidades da realidade latino-americana, portanto, eurocêntrica e elitista, deixa de potencializar uma dimensão de irracionalidade que permeia a definição do que é necessidade. A falta de liberdade e os condicionamentos do desejo, diante da publicidade transnacional e dos procedimentos de hierarquização da informação jornalística, perpassam a civilização industrial que tende a tornar heterônomos os “padrões de prioridade”, em diferentes lugares e regiões.⁹

Se a separação entre momento de produção e de consumo já se configuraria como alerta na *Dialética do Esclarecimento*, como também o fato da audiência ser um registro das estatísticas e o lazer uma extensão da lógica do trabalho, quando as tecnologias de

⁹ Este debate sobre tecnologia e necessidade perpassa diferentes ensaios publicados no livro *Tecnologia, Cultura e Formação... Ainda Auschwitz* (PUCCI, LASTÓRIA, COSTA, 2003), que é resultado do Colóquio

comunicação encontravam-se embrionariamente se articulando como indústria de entretenimento, imagina-se que, neste momento de surgimento de tecnologias digitais, compactadas e que interconectam diferentes linguagens e que são facilmente transportáveis, o controle sobre as necessidades e desejos humanos passou para uma esfera ainda mais repressiva. Esta dimensão heterônoma e as condições atuais de hibridização das tecnologias e os impactos para a percepção, inteligibilidade e memória apresentamos no livro *Estética da Violência, Jornalismo e Produção de Sentidos* (COSTA, 2002).

2.3. Racionalidade Técnica

Portanto, as contribuições da Teoria Crítica para os estudos da comunicação, de alguma maneira, passam pela identificação de que, tanto no processo de produção quanto de associação da indústria cultural com o sistema de controle dos esquemas de consumo de bens simbólicos, está presente a dimensão da racionalidade técnica.

Isto quer dizer: na sociedade industrial não só a ciência e a tecnologia primam pela eficiência, calculabilidade, instrumentalidade, mas também outras esferas, incluindo o lazer e a disposição de tornar funcional o tempo livre. A minimização do entendimento do que seja cultura, na perspectiva desta estar associada à transitoriedade da circulação de mercadorias, tem um correlato na constatação feita de que o sistema de produção potencializa ciência e tecnologia como ideologia do sistema industrial.

Um exemplo pode ser buscado no jornalismo que prioriza, ainda mais com a emergência dos suportes híbridos, flexíveis e hipertextuais, o minimalismo¹⁰ informacional que tem um objetivo imediato: demonstrar a validade do efeito da simulação e da alucinação de registros interpostos de imagens, textos, rupturas, num movimento frenético, diante do qual a densidade informacional cede lugar para o prosaico, momentâneo. Com este propósito, cabe retomar a seguinte passagem do livro “O Capital da Notícia”:

com o mesmo título realizado em maio de 2002 na UNIMEP/Piracicaba, cuja organização foi do Grupo “Teoria Crítica e Educação”, que funciona também na UFSCar e UNESP/Araraquara.

¹⁰ Informação minimalista significa, na perspectiva de MARCONDES FILHO (1993), a forma como a notícia privilegia o factual, o dado fenomênico imediato da realidade e a profusão de dados sem que considere dimensões qualitativas, formativas.

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isto a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, é um meios de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político (MARCONDES FILHO, 1989, p. 13).

Desta feita, torna-se insuficiente deslocar apenas para o campo da recepção as possibilidades críticas da audiência, já que esta não controla socialmente a política de uso dos meios de comunicação de massa na sociedade e nem sempre tem conhecimento sobre as condições de produção da notícia e, ainda, pouco compartilha a relação entre ser informado e agir sobre a realidade que tem conhecimento por meio dos veículos de comunicação. “Disfunção narcotizante”, eis a categoria que Merton & Lazarsfeld (1990) cunham para engenhosamente contrapor a separação entre informação e interesse social.

A hipótese perpassa a fragilidade em localizar na audiência a possibilidade de demover as estruturas concêntricas e não democráticas de controle social dos suportes tecnológicos na sociedade, ainda mais em sociedades em que há exclusão e comprometimento na mobilização política. Invariavelmente, como foi relatado, as críticas feitas à Escola de Frankfurt recaem no argumento de que ela não potencializa o momento de recepção. Dentre as muitas formas de mitificação, uma se expressa pela autonomia do receptor em mudar de programação; outra de que a qualidade toma como pré-dica os desejos da audiência. A estas formas de mitificação fica subjacente o mito de que o fluxo intenso de informação resulta necessariamente em sociedade mais esclarecida.

Um dos argumentos para admitir que a audiência pode mobilizar sua atitude crítica diz respeito, por exemplo, a possibilidade na televisão de trocar de canais desde que a

programação não esteja de agrado do receptor. Em alguns horários, particularmente, nos programas vespertinos durante a semana e aos domingos, em que boa parte da audiência não tem outra alternativa de ocupação do tempo livre, o que resta é optar por um dos diferentes canais que oferecem, como num mosaico de ajuste mimético da mesma programação, o sempre mesmo mascarado de novidade. Não se trata de enfatizar apenas o efeito de montagem, descontinuidade, ruptura que o controle remoto oferece, mas de explicitar que a escolha é um mote para a falsa opção do cardápio.¹¹

2.4. Técnica e Extensão Sensorial

Outro aspecto preconceituoso que reforça a especulação de que a Teoria Crítica formula juízos apocalípticos, para retomar a expressão de Umberto Eco (1970), refere-se à incursão, preconizada por McLuhan (1969), de que a tecnologia representa uma extensão sensorial do homem e, hoje, no ambiente das tecnologias digitais e de imagens de síntese, também, da inteligência.¹²

Qual o sentido desta constatação de que os meios tecnológicos agem na esfera da sensibilidade e, conseguinte, no campo da inteligibilidade, da experiência e da formulação de juízos do homem na “sociedade midiática”? Significa, *a priori*, naturalizar o progresso técnico já que este, como extensão do corpo e da mente humanos encontra-se justificado pelo simples fato de corresponder a uma determinação histórica. Segundo tal premissa, que incute a idéia de naturalização, progresso técnico e progresso humano coadunam-se positivamente, sem que se considere, na mesma medida, a colonização¹³ que a técnica

¹¹ Paráfrase de uma passagem conhecida da *Dialética do Esclarecimento*, na qual, Adorno & Horkheimer (1985, p. 117) destacam: *Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção.*

¹² Na década de noventa, Schaff (1991) retoma esta questão da substituição do corpo e da mente humanos pela maquinaria, tendo como eixo a formação da sociedade informática e os processos de automação da atividade industrial que, utopicamente, trariam a possibilidade da liberação do trabalho humano e a existência de um tempo liberado do labor exaustivo e repetitivo.

¹³ A colonização diz respeito, p. exemplo, à acomodação das necessidades humanas ao prazer virtual e fugidio sugestionado pela publicidade ou quando na esfera pública a realização do indivíduo fica refém à sua condição de consumidor. O sentimento de estar colonizado tem um correlato: sentir-se integrado na medida em que confortavelmente é renegada a própria identidade. Em troca: a imitação mimética como mecanismo

empreende sobre os destinos desta sociedade em que *a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta* (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 48).

Para dar continuidade à reflexão sobre tecnologia e formação, cabe recorrer aos escritos aforísticos da *Teoria Estética*, de Adorno (1988), para reconhecer, numa interpretação que reconhece a imbricação indissociável entre mensagem, estruturas de produção e sistema que associa indústria cultural e modo de produção capitalista, que a dimensão ontogenética e filogenética da apropriação histórica da tecnologia está comprometida com as definições de necessidade tecnológica, que em cada momento, de acordo com as classes dirigentes, vai sendo “naturalizada”.

É claro que, mesmo sob uma perspectiva subjetiva e particular, há de se considerar que o impacto da tecnologia recai diferentemente em sociedades desiguais e na formação de cada um. Contudo, as chamadas pesquisas de recepção deixam de considerar as condições estruturais do uso e do destino da tecnologia que, numa perspectiva sistêmica e global, escapou da autonomia das sociedades e do controle de cada homem .

Neste sentido, destacamos (COSTA, 2002, 86) que :

A pesquisa recepção dos meios de comunicação, como vem sendo feita recentemente, não pode isolar determinados resultados do comportamento dos receptores, sob pena de comprometer a inteligibilidade do fenômeno comunicacional. É um reducionismo interpretar o fenômeno da recepção, nesse caso, com base na observação de quem consome a produção cultural dos “mass media” no momento de sua decodificação, levando-se apenas em conta suas reações, opiniões e comportamentos.

Para enfocar a questão: a Teoria Crítica permite uma observação sobre os fenômenos da comunicação aquém da manifestação imediata da mensagem. Ela sugere que os indícios que configuram um modismo de época, como se verifica em certas tendências,

de projeção dos desejos facilmente transportáveis para o mundo das animações, da filmografia e, inclusive, nas produções jornalísticas que propendem à confusão entre entretenimento e informação.

por exemplo, de expor a realidade com o recurso da simulação¹⁴ ou como espetáculo¹⁵. Vivemos a sensação de que o mundo se reveste de mitologias e condições transcendentais à vida comum, mas, de maneira confortável nos sentimos integrados quando compartilhamos da privacidade das personagens públicas ou consumimos os produtos que a publicidade tipifica como prazeroso, moderno. A Teoria Crítica, neste contexto, permite uma retomada da contradição entre sociedade esclarecida e vigência de explicações míticas da realidade.

Este enfoque estrutural e que retoma a tensão entre tecnologia e regressão dos sentidos encontra-se marginalizado nas teorias que tendem a supor que na recepção das mensagens dos *mass media* está a chave para supor que o receptor pode ser mais crítico. Mas, caso não se considere a heterodeterminação da produção cultural e os condicionantes sistêmicos que reduzem o sentido de produção cultural, aqui expressada pela subsunção da autonomia do sujeito em relação às determinações econômico-sociais, torna-se possível focar apenas os efeitos imediatos da informação, em sua funcionalidade e determinação fática, sem que se perceba, em contrapartida, a correlação entre produção de bens simbólicos e apreensão de sentidos.

Com este propósito, para demover a falsa noção de que a Teoria Crítica nos conduziu a um “beco sem saída”, uma expressão comum para estigmatizar o juízo de que ela não apresenta proposta positiva, cabe nesta exposição dimensionar a faculdade da percepção como uma faculdade de conhecimento, quase sempre negligenciada pelas formulações simplificadas e baseadas na apreensão imediata da reação da audiência. A contribuição da Teoria Crítica para os estudos dos fenômenos da comunicação está em considerar as estruturas de mediação da tecnologia, sua historicidade e a condição de que

¹⁴ Indicamos nos programas “policialescos”, que tomaram de assalto o horário vespertino da televisão brasileira, o uso cada vez mais recorrente da computação gráfica e de cenas produzidas com atores, que mesclam realidade e ficção, tendo como mote a idéia de que a realidade está sendo mostrada tal como é de fato, aparentemente sem cortes e edição.

¹⁵ Em *Showrnlismo – a Notícia como Espetáculo*, Arbex Júnior (2001) descreve o ambiente informacional do jornalismo contemporâneo que tensiona rapidez e superficialidade, num mundo em que ter conhecimento dos fatos não significa memória e experiência, já que ocorreria um enfraquecimento entre a distinção da realidade com a ficção.

interpelam na formação da subjetividade, num contexto em que há concentração dos meios de reprodução simbólica, hierarquização de qualidades e abuso do espetáculo.

A contribuição passa pela reflexão sobre o fato de que as mensagens isoladamente apenas identificam efeitos de uma estrutura que incorpora processos de pseudo-individações e de ações semiculturais. A historicidade da relação entre objeto e sujeito, bem como o fato de que as tecnologias interpelam a formação da subjetividade humana sem que, de forma correspondente, seja possível exercer controle sobre ela, em termos da totalidade das sociedades e dos indivíduos, faz com que o referencial teórico de Frankfurt adquira atualidade. De um lado, para identificar na apreensão imediata das mensagens dos “mass media” componentes estruturais da sociedade industrial; de outro, para facultar à sensibilidade o campo de tensão entre autonomia do sujeito e o estado de menoridade frente ao mimetismo provocado pela indústria cultural.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max, *Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos*. Tradução Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W., *Teoria Estética*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.
ARBEX JÚNIOR, José, *Shornalismo – A Notícia como Espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

CARDOSO, Onésimo de Oliveira, *Os Paradigmas no Ensino de Comunicação: a Transgressão Epistemológica*. In: MARQUES DE MELO, José, CASTELO BRANCO, Samantha (Org.), “Pensamento Comunicacional Brasileiro – O Grupo de São Bernardo. São Bernardo do Campo: UMESP, 1999.

COSTA, Belarmino César Guimarães da, *Estética da Violência, Jornalismo e Produção de Sentidos*. Piracicaba, Campinas: Editora Unimep, Autores Associados / FAPESP, 2002.
ECO, Umberto, *Apocalípticos e Integrados*. Tradução Pérola Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1970.

HORKHEIMER, Max, *A Eclipse da Razão*. Tradução Sebastião Uchoa Neto. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

LÉVY, Pierre, *As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo, *Muito Além do Jardim Botânico – Um Estudo sobre a Audiência do Jornal Nacional da Globo entre Trabalhadores*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
LOPES, Maria Immacolata Vassalo Lopes, *Pesquisa em Comunicação*, 2ª. edição. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MARCONDES FILHO, *O Capital da Notícia – Jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza*, 2ª. edição. São Paulo: Ática, 1989.

MARCONDES FILHO, *Jornalismo Fin-de-Siècle*. São Paulo: Página Aberta, 1993.

MARCUSE, Hebert, *Ideologia da Sociedade Industrial*. Tradução Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

McLUHAN, Marshall, *Os Meios de Comunicação como Extensões Sensoriais do Homem*. Tradução João Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo; Companhia Editora Nacional, 1977.

MERTON, Robert K, LAZARSELD, Paul F., *Comunicação de Massa, Gosto Popular e a Organização da Ação Social*. In: LIMA, Luiz Costa (Org.), *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo: Paz e Terra, 1990).

PUCCI, Bruno, LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco, COSTA, Belarmino Cesar G. da, *Tecnologia, Cultura e Formação... Ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez, 2003.